

## S. Jorge de Airó

ESTA freguesia está situada na encosta poente do monte de Airó.

*Airó*, segundo alguns escritores (1) vem de *Monte Áureo*, monte onde existiam minas de ouro; segundo outros (2) vem de *Areolos* (de Arca), pequena eira ou lage nos montes, onde se secava o milho.

A actual freguesia de S. Jorge abrange uma outra antiga e pequena que nela foi incorporada, a de S. Martinho de Airó.

Esta de S. Martinho, não sei porque motivo, não vem nas Inquirições de 1220 e no Censo da População de 1527 vem já unida à de S. Jorge.

Em 1454, tendo sido dada a freguesia de S. Martinho de Airó, pelo arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, ao Convento de Vilar (<sup>3</sup>), este, de acordo com o arcebispo, suprimiu-a para não pagar a dois curas: o de S. Jorge e o de S. Martinho.

Em 1747 existia uma ermidazinha de S. Martinho, no lugar do mesmo nome, que, segundo reza a tradição, tinha

(1) Pinho Leal—Port. Ant. e Mod. vol. I pág. 303 — António Vilas Boas Sampaio, Nobl. Port. pág. 92.

(2) P.\* António G. Pereira — Trad. Pop. pág. 305.

(3) Céu Aberto na Terra, pág. 400.

sido a Igreja Paroquial desta freguesia, a qual, caindo em ruínas, foi vendida a particular por cerca de 1870.

O Cruzeiro Paroquial existe junto às casas do Cruzeiro.

Tinham aqui os frades de Vilar uma boa quinta, onde colhiam muitos carros de pão.

A freguesia de S. Jorge de Airó vem nas citadas Inquirições com a designação — «De Sancto Georgeo de Couto de Várzea», nas Terras de Faria.

Era abadia secular mas o seu último abade, João Annes do Salvador, tomando o hábito no Convento de Vilar por desgostos da sua vida, renunciou, com beneplácito do Arcebispo de Braga, este benefício naquele convento em 1454.

Ficou desde então a ser um curato anual da apresentação do Reitor de Vilar de Frades.

A antiga Igreja Paroquial desta freguesia existiu no mesmo lugar onde está a actual.

Em 1720 era de uma só nave, tão pequena e insuficiente às necessidades do culto que em 1747 foi adicionado ao frontespício um grande alpendre para abrigo dos fiéis.

A construção da actual Igreja deve ser obra do século xix. Ao lado desta existia um torreão, talvez o primitivo, que nos meados daquele século foi substituído pela bem lançada torre que ora se vê.

Na face desta lê-se a seguinte inscrição — DADA. POR. ANTÓNIO. LOPES. MARTINS. NATVRAL. DESTA FREGVEZIA. FEITA. EM. 1864.

Do mesmo lado direito da entrada da porta principal da Igreja e separada desta apenas pelo Adro vê-se o presbitério ou residência Paroquial, modesto mas suficiente à acomodação dos seus habitantes.

Do lado oposto da Igreja está o Cemitério Paroquial com a data 1886 gravada sobre o seu portão.

Deste sítio disfruta-se um dos mais belos panoramas: dentre o verde escuro da paisagem do Vale do Tamel e junto a um colo prateado do Cávado, no seu alto recosto, se reclina a cidade de Barcelos e espalhadas pelo extenso vale espreitam as brancas casarias de inúmeras povoações rurais.

Da matriz desta freguesia desce um escadório, cortado transversalmente e por uma larga avenida ao fundo da qual se ergue o Cruzeiro Paroquial.

Este cruzeiro, tosco e antigo, foi mudado para o sítio onde está em 1858, dando essa mudança causa a uma renhida questão judicial.

Há nesta freguesia uma única capela onde ainda se exerce o serviço religioso e essa particular: a do Paço de Airó.

Dedicada a S. José foi mandada construir no século XVII pelo Dr. António de Vilas-boas Sampaio.

Nela tinham sepultura os Senhores desta casa.

Da Capela de S. Martinho, no lugar do mesmo nome existiam apenas as paredes em 1870, quando foi vendida a particular, e assim se conservou até ainda há bem pouco tempo.

O seu proprietário porém acaba de mandar cobri-la com telha, sem alterar a sua forma primitiva, e interiormente reparti-la em aposentos para inquilinos.

A sua modesta porta principal, em estilo ogival, serve de entrada para a nova habitação e o lugar do altar serve de cozinha onde os seus moradores aquecem as magras berças! É lamentável, mas adiante.

Tem esta freguesia dois Nichos ou Alminhas.

*As Alminhas do Giestal*, uma Cruz de pedra com a imagem pintada de Cristo crucificado e na base daquela o painel das almas, estão debaixo de um alpendre de três colunas, duas à frente e uma atrás.

Não têm inscrição nem data mas devem ser muito antigas.

Corre na tradição — em livros e documentos nunca vi — que neste sítio existiu a primitiva Igreja Paroquial.

*As Alminhas da Cancela do Painçal* constam de uma pedra ao alto em que o painel das almas está dentro da cavidade feita na mesma, resguardado por uma grade de ferro, como vulgarmente são representadas.

Neste Nicho via-se há anos uma curiosa inscrição, cuja história vamos relatar.

Teresa Gomes Moreira, da Casa de Cepãos em Adães, foi universal herdeira de seu tio Manuel José Nunes de Carvalho e, querendo patentear a gratidão à memória daquele seu bemfeitor, mandou restaurar o Nicho, próximo das suas propriedades, recomendando ao pintor que ali escrevesse o seu nome e o de seu tio.

O artista que não tinha margem para uma grande inscrição resumiu-a da seguinte maneira: THEREZA. GOMES. MOREIRA. MANDOU. FAZER. E. PINTAR. MANUEL. JOSÉ. NUNES. 1837.

Este Nicho foi novamente restaurado há poucos anos e por baixo do painel tem:

«A sua bemfeitora D. Avelina Gomes Bertuluci».

A esta freguesia esteve unida a de S. Bento da Várzea, durante alguns anos.

S. Jorge de Airó, juntamente com a de S. Martinho, no século XVI tinha 37 moradores; no século XVII tinham estas duas freguesias e juntamente com a de S. Bento da Várzea, que estava anexa, 100 vizinhos; no século XVIII as duas primeiras freguesias tinham 62 fogos; no século XIX tinha 363 habitantes e pelo último censo da população tem 412 habitantes, sendo 178 varões e 234 fêmeas, sabendo ler apenas 53 homens e 5 mulheres.

Não tem Escola Oficial; teve há anos uma particular, com o nome de Colégio, dirigida por religiosas, a qual acabou em breve de inanição.

Privada de escolas não admira o número elevado de analfabetos que comporta.

Não tem indústria própria e o seu comércio está reduzido a uma pequena loja de mercearia.

A fama dos seus vinhos é já muito antiga.

Vilas-boas Sampaio, na sua «Nobliarchia Portugueza»>, diz que aqui se produz o melhor vinho de *enforcado* que deste género há.

Ainda hoje o povo costuma dizer: «vinho de Airó bebo-o tu só», tal é a sua excelência!

Há ainda um outro ditado que se refere a esta freguesia : «desde o Outeiro do Crasto até à ponte de Lulão (limites de S. Jorge e Adães) cem mil pipas de ouro estão, reminiscências talvez do Monte Áureo ou dos tesouros escondidos e mouras encantadas em que o nosso povo das aldeias tão piamente acredita!

No monte do Crasto e em outros cabeços do monte de Airó encontram-se ainda vestígios de construções tais como tijolos, pedras lavradas, etc.

Pelo norte confronta esta freguesia com a de Adães, pelo nascente com as de Encourados e Santo Estêvão de Bastuço, pelo sul com as de Moure e Crujães, e pelo poente com a da Várzea.

É atravessada na sua extremidade norte pelo Ribeiro da Gandra que nasce nas Poças das Carvalheiras nesta freguesia e vai lançar-se no Rio Covo, em S. Bento da Várzea.

As suas fontes públicas são: a histórica fonte das Virtudes, dentro da Quinta do Paço de Airó, hoje vedada ao público, as de Sorrondão, Souto do Paço, Recanto, Mourissé, Quingosta, Barroco, Sarrazina, Airó e Fagila.

Os seus lugares habitados são: Salgueirinhos, Gandra, Nogueira, Lourêdo, Assento, Painçal, Gestal, Monte, Monte do Poço, Paço, Valdemil e Telhêlhe.

As suas casas mais importantes são: a do Paço de Airó, a da Nogueira, as dos Ramos da Igreja e de Airó, a do Cruzeiro, a de Valdemil, a da Formiga e a de S. Martinho.

Nesta última quinta existe um marco com as letras —  
VILLAR.

Os frades de Vilar tinham aqui a quinta de S. Martinho na qual colhiam muitos carros de pão. Eram com certeza estas terras e outras delas desmembradas que constituíam uma boa fonte de receita para os c Bons Homens de Vilar.

Junto à Casa do Paço existiu uma torre que o P.<sup>e</sup> Carvalho teve ainda a felicidade de ver, quando por aqui passou, bem como à entrada do portal da quinta um enorme cedro que lhe causou grande admiração.

Em um morro do Monte de Airó, sobranceiro a esta freguesia, existem uns penhascos, conhecidos pelo nome de *Castelos*, onde dizem se erguia o Castelo de Penafiel de Bastião, sede do julgado de Penafiel.

Que fosse situado aqui este castelo é caso para discutir. Não há ali vestígios de qualquer construção; aparecem esses sim no plató do monte, lá no alto em Bastuço. Das pessoas mais ilustres, cuja memória anda ligada a esta freguesia, destacaremos as seguintes:

Gonçalo Gil de Eiró, senhor do Paço de Airó, onde viveu segundo a tradição e a quem o Conde D. Pedro diz que mataram na Coruna.

Foi morto aliás na Corma, que não sei onde é, mas o P.<sup>e</sup> Carvalho diz ser a serra da Corveã.

Diogo Fernando de Vilas Boas, senhor do solar de Airó e do Reguengo de Vilas Boas, (Trás-os-Montes) que viveu no tempo de D. Pedro I.

Querendo este rei castigá-lo pelos muitos vexames que ele fazia aos moradores das suas terras, para fugir ao castigo, ausentou-se do reino.

O rei tirou-lhe então os bens da coroa e deu-os aos Abreus de Regalados. Foi assim que o Reguengo de Vilas Boas passou para a posse daquela família.

Diogo Fernandes de Vilas Boas, em Castela combateu nas fronteiras de Granada contra os mouros. Ali conquistou um Castelo e pôs no alto das suas torres uma palma benzida no Domingo de Ramos.

Em comemoração deste facto, o rei deu-lhe brasão ou ele o tomou, segundo outros escritores.

Morto D. Pedro I, voltou ao reino e foi viver para o seu solar de Airó.

Gonçalo Anes de Vilas Boas, senhor do solar de Airó, foi armado cavaleiro antes da batalha de Aljubarrota. Nas cortes de Coimbra aclamou rei a D. João I e jaz na Igreja do Convento de Vilar de Frades.

Isabel Anes de Vilas Boas, senhora do solar de Airó, instituiu o vínculo daquela casa em 1529 e mandou fazer a capela da Igreja do Convento de Vilar de Frades, onde estava o jazigo de sua família.

António Dias de Vilas Boas, foi o 1.º Morgado de Airó, Juiz dos Órfãos em Barcelos e Caudel Mor, não tendo comenda, como teve seu pai, por não servir a el-rei.

Dr. António de Vilas Boas Sampaio, Morgado de Airó, Juiz de Vila do Conde e Viseu, Corregedor de Moncorvo, Provedor de Coimbra e Desembargador da Relação do Porto. Foi um escritor notável e poeta apreciado no seu tempo. Escreveu a «Nobiliarchia Portugueza», «Auto da Lavradeira de Airó», «Saudades do Tejo e de Lisboa» etc. Nasceu em Fareja (Guimarães), faleceu em Barcelos e jaz na sua capela do Paço de Airó, que mandou fazer.

José de Magalhães e Meneses, foi Senhor do Morgado de Airó, faleceu na Foz do Douro e foi sepultado na capela do solar de Airó.

Na tampa da sua sepultura lê-se a seguinte inscrição:  
O. HONRADO. JOSÉ. DE MAGALHÃES. E MENESES.  
FALECEU A 14 DE SETEMBRO. DE 1870. ORAE. POR.  
ELLE.

João Lopes Velho, homem de carácter íntegro e respeitado nesta freguesia, como diz em um manuscrito de Linhagens o seu contemporâneo P.<sup>e</sup> João Barbosa Pereira em 1783.

João José da Fonseca Moreira, o conhecido «Poeta de Airó».

Viveu por 1826. Lavrador, interrompia o trabalho agrícola para dar largas às suas inspirações poéticas.

Correm avulsas algumas das suas poesias manuscritas.

António Nunes Barbosa, fundou o chamado «Colégio», escola de primeiras letras entregue a religiosas nos fins do século XIX e que tão breve teve fim. Conseguiu porém este homem realizar o que os nossos governos nunca fizeram: a criação e manutenção durante algum tempo, nesta freguesia, de uma escola de primeiras letras.

Ao referir-me à Igreja Matriz desta freguesia não relatei uma raridade que nela se encontra:

É a imagem do seu padroeiro ser representada a pé.

Para explicar a razão deste facto vou transcrever do apreciado livrinho «Cavalgada», do saudoso Padre João Pereira Gomes Rosa, o que a seu respeito ali é dito:

«Está a pé, porque assim o mandaram fazer os fregueses ; pois contavam os velhos que um visitador embicando com a imagem antiga, a fizera retirar do camarim com receio que se oferecesse incenso ao burro quando se ductasse o Sacramento; e que para os livrar do perigo da idolatria, os deixara sem padroeiro, levando a



esta e ao burro para Vilar onde os colocara na capela lateral do lado esquerdo, ao entrar na Igreja do convento; mas creio que já não existe lá; parece-me ter ouvido dizer que o venderam com o burro não sei para onde».

Camilo Castelo Branco, nas «Noites de Insomnia», refere-se também a uma sábia resolução do Senado de Vila Real que ordenou a substituição do cavalo de S. Jorge pelos quatro pegadores do andor, onde mandou colocar este santo guerreiro nas procissões de Corpus-Cristi.

Não se sabe explicar a razão do ódio que os Visitadores e os Senadores dos tempos de antanho votavam à montada deste oficial superior do nosso exército e padroeiro desta freguesia!